

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 973	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	IO DE JANEIRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



A CARIDADE — ESTATUA EM MARMORE, POR TEIXEIRA LOPES

Chronica Occidental

Anno bom! Boas festas! Boas entradas!

Ainda que o diga a gente com todo o coração, alegrar este é que é difficil. Um apertoso não o larga. Não chega, felizmente, a ser um máu palpito, mas é uma duvida, como o pode ser, diante de um prato excellentemente cozinhado, a limpeza do cozinheiro. Claro está que cozinheiro n'este caso symbolico é a má vontade dos homens e não será nunca a Providencia, que é *quien todo lo manda* afinal. Confiemos n'ella e supremos para longe os nevoeiros com que um demonio pouco divertido nos vem embaciar visões do futuro.

Anno bom! Boas festas! Boas entradas!

Ora para encetar as chronicas d'um anno novo, depois de já dez vezes o haver feito, desde que peguei na penna que Gervasio Lobato me legou, para começar com certo interesse archivando o que de mais notavel nos trouxe a infancia, adolescencia ou velhice, d'este sexto anno do seculo XX, estimaria eu immenso o embaraço entre variados e alegres assumptos que houvessem trazido á discussão os jornaes do mundo inteiro. A pobresinha chronica, velha-relha, já tão batida que aborrece, e que tem por assumpto, *refugium flictorum*, o não haver assumpto não a queria eu escrever pela primeira vez na inauguração de mais um volume do OCCIDENTE.

Pois olhem que a tentação foi grande. Puz-me a cotejar as noticias de mais interesse com a fraqueza da minha imaginação e ainda por umas horas desenhei no meu rosto todos os traços angustiosos da mais terrivel perplexidade.

Nem do recurso d'um bocado de politica, synthese de alguns kilometros de artigo de fundo, pude lançar mão avida. A abertura das côrtes addiada para fevereiro deixa n'este momento na mais doce das fazes a politica em Portugal.

Apenas deu que fallar a reunião do Conselho de Estado que se realisou no dia 30 de dezembro. Vozes correram sobre o que se havia passado e soube-se que o adiamento das côrtes fôra combatido vigorosamente.

Sobre tabacos, de quando em quando, algum artigo mais importante apparece, mas a maior parte dos interessados no assumpto, financeira ou politicamente, reserva suas expansões para quando vier a lume qualquer nova solução.

O temporal fez silencio; maior será talvez a rajada d'aqui a uns dias.

Entretanto, os novos ministros vão-se preparando para a refrega e esperam a resposta dos financeiros estrangeiros e portuguezes convidados para fazerem suas propostas sobre a conversão das obrigações dos tabacos, esperando-se que as condições sejam inferiores ás do contracto de 4 de abril que Deus haja.

Portanto a politica deu-nos pouco. Se d'ella saltarmos para as columnas compactas onde os noticiarios da alta sociedade nos dão conta de bailes e festas, pouco acharemos, alóra uma ou outra descripção dos vestidos *pailletés* das senhoras, quasi sempre gentilissimas até quando o não sejam, e que frequentam regularmente as frisas e camarotes do theatre de S. Carlos. O carnaval ainda vem longe; só então respirarão mais á vontade e castigarão valorosamente as pernas os especialistas do assumpto.

Os Srs. D. Carlos e Rainha D. Amelia foram passar uns dias a Villa Viçosa, para onde tambem já partiu o primeiro turno de convidados para as caçadas que ali se estão realisando.

Em Villamanrique, onde tem sua residencia a Sr.^a Condessa de Paris, estão actualmente o Principe Sr. D. Luiz Philippe e o Sr. Infante D. Manuel, que ali foram visitar sua avó.

Projectam-se mais algumas viagens reaes; mas parece não estar ainda decidido o dia em que devem os reis portuguezes partir para Madrid, a pagar a visita que ha um anno lhes foi feita por D. Affonso XIII. Será, segundo se diz, n'um dos ultimos dias de janeiro, e portanto de muito curta duração a viagem, devendo o Sr. D. Carlos estar em Lisboa para a abertura das côrtes.

Um recente telegramma de Italia annuncia-nos a visita da Rainha Margarida, viuva do rei Humberto e mãe do actual monarcha italiano, que de-verá, no proximo verão, vir a Lisboa visitar sua cunhada, a Rainha Sr.^a D. Maria Pia.

E nada mais nos offerece de novo o noticiario dos jornaes, onde andamos respigando o que ha hoje de mais importante, lamentando a miseria em que nos vemos e ainda com tres linguadros por

encher! Chegou a pobreza a tanto que até se deu grande importancia ao caso de haver um gatuno francez roubado a um sujeito na rua do Oiro, uma carteira com dois mil e quinhentos. O que a todos mais espantou foi que o patife se apresentasse muito bem vestido. Quizeram fazer d'isso uma novidade. Ora tomara qualquer de nós tantos contos de reis quantos gatunos janotas temos o desgosto de conhecer.

Parece que esta pobreza de noticiario não é mal que reine sómente cá pela nossa terra. Em paizes muito mais civilizados talvez se esteja dando outro tanto, visto que alguns jornaes francezes se estão preocupando muito com fantasmas, que já se não contentam, como d'antes, em fazer dançar as mesas, mas apparecem aos espectadores arripiados, tão luminosos, que até se deixam photographar.

Os entusiasticos adeptos do espiritismo já não se baseiam apenas nos factos revelados pelo sabio Willam Crooks, universalmente famoso; jornalistas francezes vieram afervoral-os em suas crenças revelando novas materializações, algumas até sufficientemente incommodas. Um musico, um esculptor, ambos muito conhecidos, de companhia com um escriptor, viram-se apouquentados durante horas por um espirito que andou pelo quarto, onde se haviam reunido, a fazer coisas do diabo e espalhando raios luminosos.

Segundo ha tempos contaram as *Novidades*, tambem em Lisboa se passaram, não ha muito, coisas maravilhosas. Os adeptos do espiritismo a que aquelle jornal se referiu, creio que continuam as suas sessões, contando-se entre elles alguns muito conhecidos por sua illustração e posição na sociedade.

Quem nos diz que uma nova sciencia não está para nascer?

Quantos phenomenos não foram annos e annos, seculos e seculos, tidos por sobrenaturaes?

Fantasmas! Se ha tanta coisa que mette pavor e de fantasmas não passa, porque succede que ainda tanta gente se arripi com fantasmas?

Que dará de si o que na ilha da Madeira se está passando? E' ou não peste bubonica que na Ilha deu entrada? O povo parece ter-se revoltado contra as medidas tomadas pela auctoridade. Um dia d'estes, entrou no Lazareto e arrancou de lá, levando-os para suas casas, os doentes que lá se achavam. Houve pedradas e tiros e o governador do Funchal telegraphou ao ministro do reino, pedindo o auxilio necessario. O cruzador *D. Carlos* partiu no dia 8 para a ilha, onde já deve estar a estas horas. A doença, que muitos classificam de pneumonia infecciosa, parece que tende a diminuir.

Este fantasma é, parece-nos, um pouco mais terrivel que aquelle de que já falámos e deu mau quartos de hora á esculptura, á musica e á litteratura.

Mas, como estamos no principio do anno, não queremos terminar a chronica por uma forma que poderá a alguns leitores dar motivo á creação de tristes presagios. Para quê, se, graças a Deus, temos aqui á mão a chave de ouro? Se ainda podemos, tão commoidamente como se fallassem d'uma creança, referir-nos a um bom velhinho que é das maiores glorias de Portugal?

No dia 8 tivemos a alegria de abraçar o Taborda, que fazia oitenta e dois annos! Lá o fomos encontrar n'aquelle segundo andar da rua dos Calafates, onde mora ha tanto, rodeado pelos seus, com uma lagrimasita de commoção nos olhos, porque toda Lisboa fôra dar-lhe provas de satisfação carinhosa, porque de todos os cantos do reino, os telegramas lhe trouxeram saudações. Emilia Candida, a doce velhinha, ainda mais velha do que elle, acabava de sair n'esse instante; fôra o que mais o commovêra. Era a alegria, que por tantos annos elle levava comsigo aonde quer que fosse, que todos lhe iam agradecer, a alegria velha que a todos punha agora uma lagrima na face.

Abrantes terra natal do grande velho, quiz prestar-lhe homenagem. A uma das suas ruas poz o nome do grande artista, collocou na sala dos espectaculos o seu retrato; fizeram-se discursos, leram-se poesias.

Oitenta e dois annos! Que vida não foi a do Taborda para conservar tantos amigos e admiradores ao fim de tantos annos!

JOÃO DA CAMARA.



A Caridade

Estatua por Teixeira Lopes

Ao abrimos o 29.^o volume d'esta revista tão genuinamente portugueza, onde os nossos artistas tem archivado as suas melhores produções, folgamos de poder archivar mais uma obra d'arte consagrada pela critica, qual a da estatua da *Caridade*, primorosa esculptura de Teixeira Lopes.

O nome de Teixeira Lopes, laureado em nosso paiz, é vantajosamente conhecido no grande mundo da arte, como o de um artista de raça cujas obras poderiam ser firmadas pelos primeiros esculptores da França ou da Italia.

A sua estatua *A Caridade* figurou na exposição de Paris de 1900 e a critica foi-lhe favoravel, obtendo um *Grand-Prix*. Cardane teceu-lhe levantados elogios, e tanto basta para a consagração da obra.

Teixeira Lopes desprende-se das convenções tradicionais e produziu uma *Caridade* humana, onde ha sentimento e expressão, que nos faz pensar quanto amor se abriga n'aquella pobre mulher que a si conchega os pequeninos, como o Divino Mestre a si os chamou.

E' esta a obra querida do esculptor, como o *Desterrado* foi a obra querida de Soares dos Reis.

Teixeira Lopes tem razão; na sua *Caridade* ha o esculptor e o philosopho. A arte collaborou com o coração.

Só assim se fazem as grandes obras.

C. A.

THEATRO D. AMELIA

A Venus

E' um verdadeiro encanto dos sentidos a representação da peça phantastica de grande espectáculo, *Venus*, que no aristocratico theatre D. Amelia, subiu á scena a 29 de dezembro ultimo. E bem phantastico é tudo o que decorre n'aquelles deslumbrantes quinze quadros. Nunca vimos tanta arte, tanto luxo e tão bom gosto accumulados.

O apreciado escriptor Acacio Antunes adaptou com mão de mestre a peça dos allemães Pasqué e Blumenthal, tornando-a leve e interessante, e intercalando-lhe numerosos e bellos versos que constituem os recitativos, coplas, canções, côros e romanzas, de que está recheada. E, para os leitores fazerem idéa segura d'elles, damos-lhes esta pequena amostra, transcripta ao acaso:

CANÇÃO BACCHICA

I

Quando pela vez primeira
Se encontrou com Eva, Adão,
Não foi junto á macieira,
Como dizem, não foi não!
Foi ao pé d'uma parreira
Que elle a conduziu p'la mão.

Sumo d'uva ali beberam
A fartar os nossos paes;
Baga por baga expremem
Até já não pingar mais
E a rir, nos labios sorveram
Um do outro, as gottas finaes.

E assim no Paraizo
Com taes gracejos,
Inventaram o riso,
O vinho e os beijos!

II

Quando os pôz Deus na soleira
Lá do Eden terreal,
Não foi folhas de figueira
Que puzeram — não foi tal!
Eram folhas de videira,
Bem mal postas, por signal!

Mas assim que a sós se acharam
Cá de fóra, Eva e Adão,
Logo as parras arrancaram
Espalhando-as pelo chão.
Na terra as parras pegaram
E bom vinho hoje vos dão!

E' assim no Paraizo
etc.,

O illustre maestro Augusto Machado, o festejado auctor das operas *Laureana* e *Dorias* e de outras festejadas partituras, compoz com a proficiencia, que todos lhe reconhecem, vinte e sete magnificos numeros de musica, que teem sido apreciados com os devidos louvores pelas summidades da critica musical, que os consideram impeccaveis e um mimo de inspiração.

O traductor e o maestro tornaram pois a *Venus* uma obra de incontestavel valor, mas, para o seu exito, era necessario que a montagem scenica presidisse uma auctoridade artistica, de primeira grandeza, que tivesse a coadjuval-a um empenheiro arrojado, que fosse igualmente um espirito esclarecido, prompto a dispender os capitães precisos, ascendessem embora á mais importante cifra. Encontrou a feliz peça essas preciosas entidades nas pessoas do notavel actor Augusto Rosa e do sr. visconde de S. Luiz de Braga, e d'ahi o brilhantismo com que está posta, que assombrou a pacata cidade que Ulysses fundou.

Mas, injustiça seria, não citar n'esta altura o nome de Sousa Bastos, esse veterano do *métier* theatral, cujo sabio conselho foi acatado com toda a deferencia inherente, e muito concorreu para o successo da exhibição da monumental *Venus*.

E estes tres homens para a realisação do seu preposito encontraram poderosos auxiliares, dignos dos maiores encomios, taes como: Pedro Cabral, trabalhador infatigavel e intelligente, que ensaiou a peça com critério; Palmira Bastos, a mais deliciosa *Venus* que temos admirado nos palcos, cantando com *entrainment*, dizendo com propriedade e vestindo caprichosamente; Josepha d'Oliveira, engraçada e correctissima na americana Miss Singleton; Gabriella Lucey, muito gentil, distinguindo-se em todos os *couplets* da educanda Edith; Henrique Alves, o *galan dilecto* do D. Amelia, um pintor amoroso e estouvado como se requeria; Azevedo, que no engenheiro Gustavo, revelou ser artista dramatico de futuro; Antonio Pinheiro, o excentrico doutor Wupp, muito comico e ao mesmo tempo sóbrio; Alfredo de Carvalho, o desopilante Rajah; e finalmente os demais actores, dando a sua collaboraçoão conscienciosa em papeis mais secundarios. Isto, quanto á parte dramatica, porque outros factores houve, de primeira ordem: o distincto scenographo Luiz Muriel, escripturado expressamente, auctor de todo o esplendido scenario; o artista parisiense Gerbault e o nosso engenhoso *costumier* Carlos Cohen, que dirigiram superiormente a confecção do luxuoso guarda roupa e a formosa primeira bailarina Adela Sala, do Scala de Milão, que executou prodigios de arte coreographica.

Emfim, tudo se coadunou para que a *Venus* tenha essa desusada *mise-en-scene*, que rivalisa com as mais ricas apresentadas nos principaes theatros de Paris e Londres.

PEDRO PINTO.

MU-SIAM

CONTO CHINEZ
POR
DOROCHEVITZ

Yon-Ko-Zan tinha d'idade 488 luas (1) Atstavam a profundeza do seu saber os immensos oculos; a tez era do mais formoso amarelo que olhos jámais viram, e o transelim de sêda, remate da comprida transa dos negros cabellos, roçava-lhe pelos calcanhars; em conclusão, e para completar o retrato, Yon-Ko-Zan andava apaixonado, apaixonado, porém, como só na China o pode estar alguem, apaixonado por contumacia.

Amava ardentemente, apaixonadamente perdidamente, a formosa Kuar-Mu-Siam, apesar de nunca a ter visto.

Tão sómente na vespera, sua mãe, a veneranda Siam Yên-Tchjan, lhe havia descrito os encantos da beldade, mandara-o chamar para o pé de si, e, com rasgada contumélia, falára-lhe do seguinte modo:

—Ouviras falar, por ventura, meu prezado senhor, na incomparavel Kuar-Mu Siam, filha do venerabundo A-Puo-Tchin-Yana?

Yon-Ko-Zan fechara os olhos como indicação de que todo elle era ouvidos.

—Hoje mesmo, Tohu-Tchu-Mêi, sua dignissima mãe, e ella, me vieram visitar. Como signal de affecto mergulhámos todas três na mesma pisci-

na, e tive ensejo de admirar a belleza de Kuar-Mu-Siam. . .

E' mais formosa do que eu! . . .

Yon-Ko Zan, como filho terno e submisso, apenas respondeu abanando a cabeça para indicar bem a que ponto isso lhe parecia inadmissivel.

—Mais formosa do que eu. . ., repisou com força Siam-Yên-Tchjan. . . e a sua educação pode servir de modelo: nem sequer sabe atar por suas mãos a fita do vestido; pode, cruzando as mãos sobre o seio, coçar a ponta do nariz, de compridas que tem as unhas quer do indice quer do miudinho; o seu corpo dir-se-ia haver sido entalhado no mais amarelo dos limoeiros. . . Pelo que respeita os serviços prestados por seus avoengos, ponho em duvida que três rôlos de papel de arroz sejam suficientes para os abranger. Eis o que eu tinha empenho em communicar-te, meu prezado senhor! Disse, e com uma zumbaia de cabeça no chão, o tão santo filho despediu-o.

Toda a noite immediata, Yon-Ko-Zan não conseguiu cerrar as palpebras; compoz um poema em que cantava a formosura da incomparavel Kuar-Mu-Siam, depois, apresentando-se, de manhã, nos precinctos da mãe, fez-lhe as Jezeseis cortesias que todo o filho que se preza deve ao autôr dos seus dias e leu-lhe aquillo que lhe fora inspirado pela formosura da sua noiva.

«—Não é negra o bastante a minha tinta, as minhas varinhas não dispõem de sufficiente mobilidade, a sciencia das letras, que do céu nos vem, não contem palavras que cheguem para lhe cantar a formosura.

«Quando anda, o rastro dos seus passos faz lembrar o do gatinho a fugir; com a agua que lhe cabe num çapatinho, mal poderia saciar a sede uma mariposa; dir-se iam duas gretinhas os seus olhos, onde, quaes ratinhos petulantes, lhe andam ás corridas as negras pupilas.

«Nem sabe ainda a differença que existe entre o bem e o mal, e o seu corpo, amarelo como um pedaço de marfim antigo, pede já, esperando-as, as caricias e os afagos.

«E' tal a sua simpleza que nem sequer sabe ainda em que é que o dia se differença da noite, e a luz da lua afigura se lhe ser a do sol.

«O jardineiro celeste, A-Fuo-Tchin-Yan, seu pae, viu crescer nos seus jardins aquella flôr! Ditoso d'aquelle a que fôr dado colhê-la! D'aquelle que lograr inebriar-se com o perfume da sua boca, ditoso daquelle sobre cujo rosto cairem as lagrimas das suas pestanas!»

E Siam-Yên-Tchjan a escutar, de olhos fechados, o poema do filho. Assim que este concluiu, disse-lhe:

—Vejo que amas com verdadeiro amor a formosa Kuar-Mu-Siam. Não debes por mais tempo padecer longe della. Que ella, aliás, no dizer da mãe, sente por ti ardentissima paixão.

Era de noite, á hora do descanso e da alegria. Apresentou-se á porta de A-Puo-Pchin-Yon, extensissimo cortejo; era constituido por sessenta e dois mandarins, parentes de Yon-Ko-Zan. Atrás delles, vinham duas mulheres, levadas em palanquim, depois, os filhos destas a chorar, todos elles, portadores de lanternas de variadas côres, e apinhada atrás destes, a immensa chusma dos basbaques. Penetrando pela abertura oval da parede, percutiram o gongo, e quando appareceu o dono da casa, perguntaram-lhe:

—Que mal te faria Yon-Ko-Zan, dos mancebos todos da China o mais instruido, adorno e orgullo da nossa patria?

A-Puo-Tchin-Yan fez-lhe três rasgadissimas contumélías, tal como cumpre a todo e qualquer ignorante em presença de sabios, e respondeu:

—Acato e venero a sapiencia do juvenil Yon-Ko Zan, e não sei de maior prazer que não seja o de ouvir a narraçoão das suas boas acções e dos seus feitos transcendentales.

Perguntaram ainda os parentes de Yon-Ko Zan: —Porque atormentas pois esse mancebo? Por que é que o queres deitar a perder?

E assim que A-Puo-Tchin-Yan houve expressado a surpresa da praxe, o pasmo sufficiente em casos taes, explanaram-lhe o motivo que ali os trouxera:

—No teu jardim, ó valido do ceu, medra uma flôr e pretende colhê-lha o mancebo Yon-Ko-Zan! O aroma da dita flôr, espalhado pela terra universal, alcançou os seus sentidos e envenenou-lhe o sangue juvenil. Está com as forças perdidas, avizinha-se a morte: a sua zelosa mãe já mandou chamar o bonzo, para lhe lêr as derradeiras preces junto do fruto estremecido do seu coração. Ousamos esperar que te moverá compaixão aquelle joven e que o deixarás colher a flôr que a tal ponto o atrae.

A-Puo-Tchin-Yan comprimiu a cabeça ás mãos ambas em signal de funda magua e exclamou:

—Que pavorosa desgraça! Que espantosa coincidência! Essa tão formosa flôr acha-se tambem prestes a expirar, e a expirar de amor por esse juvenil adolescente. . . Vindes ter commigo no lance em que me acho engolfado na mais amargura dôr e quando tudo se acha já a postos para o funeral de Kuar-Mu-Siam!

—O nome do culpado? exclamaram á uma em voz tremenda os embaixadores, levando a mão ás armas. . .

A-Puo-Tchin Yan, em signal de pavor, inclinou-se até o chão e respondeu:

—Yon-Ko-Zan!

—Apenas foi proferido este nome cedeu logar a dôr ao mais vivido jubilo; os amigos de Yon-Ko-Zan soltavam brados de contentamento, avançaram os musicos, atrás destes a chusma dos mirões e principiam as dansas em honra dos dois namorados.

A-Puo-Tchin Yan convidou os seus hospedes a entrar em sua casa, foram encaminhadas as damas para os aposentos reservados, sentaram-se no chão os maridos, no terraço do jardim suspenso, e armaram-se das competentes varinhas para encetar o festim para que os haviam convidado.

Serviram-lhes ovos chocos passados pelas brasas, couves do mar, leitões assados, doce de gengibre, fígados de ganso, sôpa de barbatanas de tubarão, caviar de caranguejos, amendoas torradas, outra sôpa de ovos de pombo, um frangão assado enfeitado com vergontees de bambu, uma terceira sôpa de ninhos de passarinhos, rãs fritas, ovas de sôlho com cebôlas e tubaras, melros assados e salada, um prato guarnecido com cincoenta e dois manjares diferentes, peixes de fumeiro, caranguejos guarnecidos de petalas de flôres, um môlho com petalas de chrysantemos, ostras assadas, tortas de compota de tamaras, de amendoas, pastelinhos de carne de porco, uma sôpa de ervas marinhas, bôlos de favas, ovos de salmoira, uma sôpa de caracoés do mar, espinafres, um bolo de nôz moscada, pepino com sal e açucar.

Comeram três horas a fio, em completo olvido das pobres victimas a finirem-se de amor.

Assim que o soluço tomou posse dos convidados todos, o dono da casa percebeu acharem-se saciados os appetites, levantou-se e disse:

—A vossa comparencia nesta minha choupana é honra de todo inesperada; perdoae-me pois o haver-vos recebido com a singelissima ceia de cada dia.

Ao que responderam todos:

—Eis o que attesta a riqueza de tua casa; que a de Yon-Ko-Zan não lhe fica atrás em sumptuosidade. Nunca em dias da vida uma agulha (e disso nos achamos agora convencidos) roçou sequer pelos tenros dedos de Kuar-Mu-Siam, já-mais se lhe rachou uma unha em trabalho desprezível.

E nesta altura, entregaram ao ditoso pae os presentes do noivo: anáguas com flôres deslumbrantes, com folhas e dragões bordados a ouro; mangas de filô de sêda recamadas de mariposas do mais estupendo lavôr.

A-Puo-Tchin-Yan, por sua vez, rogou-lhes que entregassem nas mãos do noivo da filha uma anágua toda ella bordada com ternos e meigos epitetos.

Representava o trabalho de oitenta aias, e todavia, Kuar-Mu-Siam, com suas proprias mãos havia-lhe accrescentado uns pontarelos desiguaes, com o sentido em testificar a sua ignorancia total da arte de bordador.

—A flôr da minha alma, a pulchra Kuar-Mu-Siam, desejaría, o mais breve possivel, admirar o sabio Yon-Ko Zan em tão luzido traje.

Acima de tudo, estua-lhe no seio o desejo de lhe ouvir lêr a todos os nomes cariciosos bordados nesse tecido, visto que ella, por si, os não saberia soletrar.

—Todos nós podemos atestar a inteira ignorancia da incomparavel Kuar-Mu-Siam, adheriram á uma, os parentes do noivo.

E agora é tempo de irmos restituir a vida aos pobrezinhos dos nossos moribundos, e levar-lhes a boa nova.

E tão sómente no acto de transporem a derradeira portinha oval, lhes expressou A-Puo-Tchin-Yan o seu desejo de travar quanto antes conhecimento com o seu genro porvindoiro.

Os palanquins dos nubentes encontraram-se a meio do caminho, á justa, que ia de uma a outra morada dos mesmos.

Theatro D. Amelia - A Venus



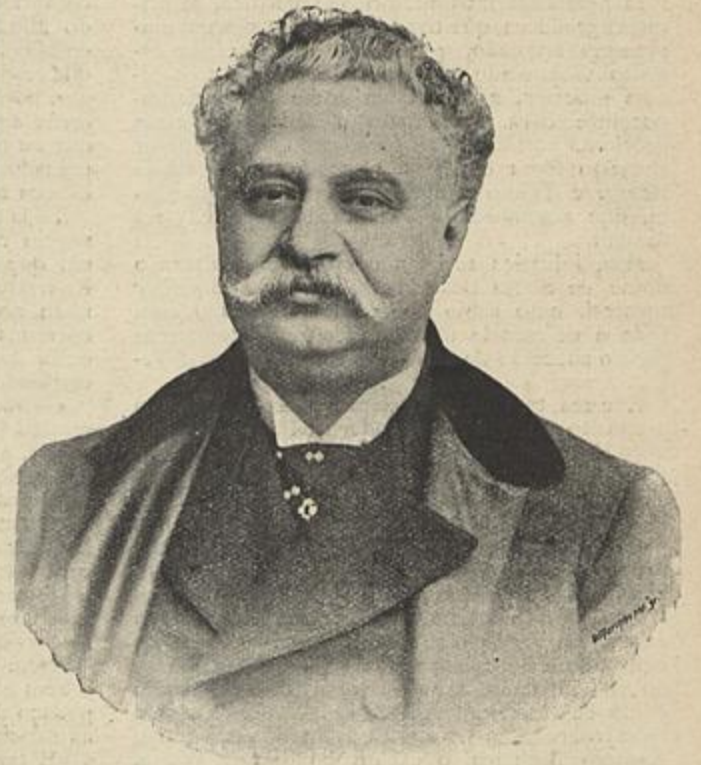
VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA



AUGUSTO ROSA



ACCACIO ANTUNES



SOUZA BASTOS



O DIRECTOR DO REAL CONSERVATORIO, MAESTRO AUGUSTO MACHADO, NA SUA SALA DE TRABALHO, EM FAMILIA
(Cliche da Photographia Vidal & Fonseca)

Theatro D. Amelia — A Venus



PALMIRA BASTOS
VENUS



ALFREDO DE CARVALHO
RAJAH



GABRIELLA LUCEY
EDITH



A VENUS — 1.º ACTO — SCENA DAS AMERICANAS NO CAIRO
(Clichés da photographia Fernandes)

O de Kuar-Mu-Siam estava herméticamente cerrado; impenetrável a olhos profanos e nem por isso deixou Yon-Ko-Zan de compôr, in continenti, uma pœsia para celebrar a formosura daquella que tão captivo o trazia.

Depois deu entrada na residencia de A-Puo-Tchin-Yan, e, sem se atrever a erguer os olhos para seu amo e senhor, fez-lhe o mancebo as vinte e três contumélías, preito devido por todo e qualquer adolescente, homenagem de inexperiente donzel, ao sabio venerando espécado na sua frente.

Após de uns minutos de espera, convidou o dono da casa a sentar-se sem cerimonia, recebendo convite identico, amesendrou-se em cima de um coxim, dos muitos que juncavam o sobrado e encetou-se entre ambos uma conversa animada quanto possível. Incumbia, antes de tudo, a Yon-Ko-Zan o informar o sôgro. Fê-lo nos seguintes termos:

—A respeito da transpiração, que tal?

Depois, e sempre do mesmo modo, pediu a este noticias da sua dignissima consorte, de seus irmãos, das esposas destes, de seus tios, tias e avós. E informado de que a avó de A-Puo-Tchin-Yan falecera havia vinte e quatro luas, expressou-lhe a magua que sentia pela morte de uma mulher de tão singulares merecimentos, manifestou identica saudade em honra do avô, do bisavô, da trisavó de A-Puo-Tchin-Yan.

E, informado de que pae e mãe deste eram finados (caso aliás de pouco espanto, para que digamos, atendendo á idade do filho!) bateu palmas com desespero; assomou-lhe expressão identica de magua ao semblante, aos labios a mesma saudade por não poder escutar os conselhos de pessoas tão sabias quanto experientes.

Pela sua parte, A-Puo-Tchin-Yan pediu ao futuro genro noticias de todos os seus, pranteou os desaparecidos, fez votos pela alegria e ventura dos vivos.

A cerca de uma pessoa, tão sómente, se conservaram mudas de todo: nem palavra soltaram a respeito da incomparavel Kuar-Mu-Siam.

Conforme é da praxe entre os chinêses de requintada educação, evitavam referir-se áquillo que os interessava e encaminhavam a conversa para um thema menos transcendente. Yon-Ko-Zan narrou ao sôgro as causas do ultimo eclipse da lua; falou-lhe nas guerras prolongadas que emprendra um famigerado Bogdikan que tinha vivido vinte e dois seculos atrás, dos povos que viviam para além da Grande-Muralha.

—O futuro esposo de minha filha é homem de subida intelligencia, afirmou á consorte A-Puo-Tchin-Yan.

—O pae da minha noiva é homem intelligentissimo, afirmou á mãe Yon-Ko-Zan. Sabe escutar!

No mesmo lance, mandava a incomparavel Kuar-Mu-Siam variadas gulosinas, mimo da mãe do seu noivo. No acto de lhe servirem a mais simples coisa, perguntava o nome que davam áquelle manjar, se acaso era comestivel, e como é que se comia. E todos se extasiavam perante innocencia tão cabal e completa.

Concluida a collação, ergueu-se Kuar-Mu-Siam e... como é de suppor, saiu.

Reportou-se desde logo o entusiasmo para a extrema pequenez dos pésinhos.

—Será venturoso meu filho! A sua futura esposa não sabe nada a respeito do mundo! decidiu a mãe de Yon-Ko-Zan.

—Será venturosa minha filha! disse lá consigo a mãe de Kuar-Mu-Siam! Seu marido é homem de tanta instrucção! Não ha nada que elle não saiba!

—E poderá ufanar-se da pequenez dos pés da consorte! acrescentava a primeira.

—E ella pode gabar-se, afirmava a segunda. O marido é possuidor de uma sciencia tal que tem direito a usar oculos!

Os dias prévios ao consorcio deslisaram como minutos em alegres occupações.

Voavam presentes de uma para outra residencia.

Os parentes de Kuar-Mu-Siam vigiavam os aformoseamentos da casa que tinha em construcção o apaixonado Yon-Ko-Zan, os de Yon-Ko-Zan, vigiavam os aprestos do enxoval da nubente.

E quando o dragão deixou cair das fauces a lua que se entretivera a roer, assentaram celebrar o casamento, afim de que os noivos pudessem saber com exactidão quantas luas duraria aquella sua auspiciosa alliança.

Até que por fim, refulgiu no firmamento a delgada foicinha, e alvoreceu o dia nupcial.

Trad.

M. de Macedo.

(Continúa).

A BENEFICENCIA PUBLICA EM PORTUGAL

Com o decurso dos seculos variam as fórmas da Beneficencia. — O seculo XIX e seus novos institutos — Os Asylas.

Temos visto, no decorrer d'esta rapida e resumida historia da nossa beneficencia (1) as successivas phases em que se encarnou a Caridade portugueza, na sua inexgotavel ancia de bem-fazer, através dos consecutivos seculos da nossa vida nacional. Vimos a simples albergaria, o hospital de peregrinos, as ordens hospitalares, a um tempo religiosas e militares; as confrarias religiosas e as confrarias leigas; as confrarias de classes, as irmandades de piedade, verdadeiras predecessoras das confrarias de Misericordia, os grandes hospitaes collectivos, sustentados pelo Estado, á custa de regalias, privilegios e doações regias, as Misericordias e os Recolhimentos. N'estas creações perfeitamente nacionaes da caridade publica predomina o espirito religioso da piedade christã e evangelica, subordinado, na fórma da sua applicação pratica, aos preceitos e regras do culto catholico. Instituidos por bispos e prelados, por congregações monasticas ou ainda por algumas devotas e piedosas rainhas, nasceram e desenvolveram-se estes primitivos estabelecimentos de caridade, sob a alçada do braço ecclesiastico e subordinados aos preceitos e crenças da mais afevorada religião.

Deve notar-se comtudo, que, desde mui remota data, o braço secular ainda a esses tempos reduzido a variadas servidões, começando a estribar-se nas regalias dos foraes, essas cartas de alforria do proletario, que no velho Portugal foram generosamente outorgadas pelos monarchas em premio de serviços, e não conquistadas pela força das armas ou á custa de muito sangue derramado, como em outros paizes da medieval Europa, esse braço secular tambem se revelou em institutos d'esta primitiva beneficencia. N'ellas transparecia o espirito leigo, independente e altivo, vencendo pela acção das collectividades, pela associação de classes, nas primeiras confrarias de artifices e mestieiras, sempre promptos a defender os interesses communs e a socorrer os irmãos feridos pela adversidade ou cahidos na miseria.

Os grandes hospitaes, onde a vontade de dois energicos e poderosos soberanos reuniu os numerosos e dispersos estabelecimentos ou enfermarias, congregando sob planos geraes, uniformes e potentes esses dissociados esforços da boa vontade caritativa das tres classes, que constituam a povoação do reino, clero, nobreza e povo, esses hospitaes representam já institutos de grande alcance social no espirito da sua fundação e na fórma por que se mantiveram. Significam a acção tutelar do Estado, substituindo-se ás pequenas instituições de iniciativa particular piedosa e compadecida; demonstram que aos intelligentes e reformadores monarchas do seculo XV, muito especialmente ao superior criterio de D. João II, a Beneficencia publica, isto é, o socorro e assistencia aos pobres, desvalidos e enfermos, representa já, não sómente actos de condôida caridade evangelica, ordenados pelos preceitos de uma religião de amor e de paz, e exigidos pelas particulares conveniencias da salvação eterna de seus piedosos instituidores, mas sim um novo encargo da administração do Estado, uma obrigação, um dever da boa organização politica do reino, cujo governo pelo povo, pelo clero e pelos nobres lhes fôra conferido nas revoltas das ruas e das praças e nas aguerridas campanhas contra insolitas pretensões estrangeiras.

N'estes termos, aos Hospitaes do Estado, primeiros estabelecimentos da Beneficencia official portugueza, succede-n-se no espirito leigo e secular, as Misericordias, em que se concentram as vantagens dos esforços particulares, reunidos pelos laços da associação, subordinados a um Compromisso, de caracter geral, e alimentados por privilegios e immunições concedidas por alvarás régios. Pena foi que esta instituição, que representa deveras a primeira e mais essencial, poderosa e completa criação da Beneficencia portugueza, justamente se desprendesse dos processos e normas geralmente adoptadas pelas ordens e comunidades religiosas, porque, da falta de conexão e de relações immediatas de subordinação a um geral, como havia na Companhia de Jesus, se deve talvez o enfraquecimento e definhamento de uma organização, que poderia ter excedido em importancia e predomínio todas as mais poderosas congregações de Portugal.

Era comtudo sempre o elemento piedoso, dos religiosos e leigos, que servia de base á organização da caridade publica.

Mais tarde, com a iniciativa do Intendente Pina Manique restabeleceu-se a corrente de iniciação de instituições de beneficencia, sob este moderno aspecto da caridade regulada e administrada pelo Estado. Crearam-se as Casas Pias. O grande Marquez, cuja actividade immensa teve de exercer-se sobre todos os diversissimos ramos da vida nacional, cujo talento foi chamado e distraído por tantos e tão importantes assumptos da administração e da politica, limitou-se a reformar, proteger, ampliar e beneficiar com avultadas rendas e haveres os institutos preexistentes, hospitaes e misericordias. Não pôde attribuir-se á sua ingeniería innovação notavel, criação beneficente que afine pelo diapasão das sublimes e radicaes reformas que, á sua incomparavel energia e bom senso inegualavel, deve a nacionalidade portugueza.

Após o quasi esteril seculo XVIII, e passados os primeiros tormentosos annos do seculo XIX, o espirito de liberdade trazido pelos sopros revolucionarios do centro da Europa nas bayonetas de exercitos invasores, a reorganisação geral e a profunda remodelação da vida social desfraldaram de novo o estandarte da Caridade, concitando governantes e governados a cooperar na grande obra da libertação dos miseros, da manutenção, á custa dos cofres publicos ou dos recursos da associação particular, de tantas vidas e de tantos desvalidos.

Não bastavam para lhes acudir, de uma fórma compativel com as hodiernas aspirações sociaes, os velhos institutos, presos, os mais d'elles, a antigos e archaicos regimentos. Era forçoso transformal-os, accommodar esses estatutos e compromissos, pautados pelo regimen quincentista e seiscentista, ás condições da vida contemporanea do povo portuguez. Vieram então os grandes reformadores Mousinho de Albuquerque, Joaquim Antonio de Aguiar, Mousinho da Silveira e Fonseca Magalhães, que lançaram as novas bases da sociedade portugueza, sobre as ruínas do velho regimen politico demolido. E, como a novos factos, ou a novas organizações devem corresponder nomes novos, implantou-se em Portugal, nos começos do seculo XIX, um novo instituto de caridade, — o *asylas*.

Esta palavra, que representava os velhos privilegios de abrigo a todos os crimes, contra a acção da justiça, significa, no moderno *asylas*, cujas origens podem remontar-se ás escolas pias fundadas em Roma por José Palasanzio, (1556-1648), um verdadeiro abrigo concedido aos desgraçados de qualquer sexo e idade, contra todas as agruras da miseria.

A titulo de curiosidade referiremos aqui, o que acabamos de lèr n'uma noticia escripta de Pangim. Diz-se n'esta correspondencia (2) que, n'um livro do fallecido escriptor indiano Barreto de Miranda, se lê que, ao tempo em que na Europa se não sonhava na criação de asylas, já na velha India, em uma povoação afastada, de nome Gopacpur, se erguia no seculo XII um asylas para desamparados, onde o mendigo encontrava abrigo, o peregrino uma providencia e o desvalido uma consolação. E' muito notavel esta antiquissima origem indiana dos hospícios e asylas, modernamente constituídos nos mais adeantados paizes da Europa.

O *asylas* é o succedaneo do recolhimento, como este o fôra do hospital e do hospício. Uma vez, o asylas destina-se a garantir a pobres velhos, invalidos incuraveis ou entrevados, um fim de vida tranquillo, cercado dos recursos indispensaveis á conservação da existencia, o sustento, o remedio, o amparo, o conforto a que tem direito pela sua idade, ou pelas suas enfermidades e que a falta de familia e de recursos lhes roubaria nos derradeiros dias da vida, se a mão providente e bemfazeja do *asylas* lh'o não concedesse. Outras, destina-se a recolher mendigos e vagabundos, albergando uns e educando e regenerando outros, conforme as condições especiaes em que se encontram. Outras ainda finalmente, dedica a sua valiosa protecção aos desventurados cegos, e aos surdos mudos, tristes enfermidades que trans'ormam seres humanos em miseraveis entes, privados das maiores e melhores alegrias da vida humana.

VICTOR RIBEIRO.

(1) A serie de artigos que constituem o estudo denominado *Historia da Beneficencia publica em Portugal*, em via de publicação, desde setembro de 1901, no *Instituto*, revista scientifica e litteraria, órgão da veneranda sociedade scientifica o *Instituto de Coimbra*.

(2) *Diario de Noticias*, de 30 de setembro de 1901, correspondencia da *India portugueza*.

A natureza e seus phenomenos

PARTE IV

OPTICA

CAPITULO I

A LUZ E SEUS EFEITOS

(Continuado do n.º 971)

III) Se o objecto estiver entre o foco principal e o espelho, a imagem é virtual, direita e augmentada.

Se um observador se collocar além do centro de um espelho concavo, verá a sua imagem, real, menor e invertida. Approximando-se do espelho, a sua imagem augmenta, continuando a ser invertida, imagem que desaparece quando o observador attingir ou ultrapassar o centro de curvatura, até chegar ao foco principal. Emfim, collocado entre este ponto e o espelho, a sua imagem será maior e direita, mas virtual.

Nos espelhos convexos, os focos são sempre virtuaes, visto que os raios reflectidos são sempre divergentes. Se os raios incidem paralelos ao eixo, os raios reflectidos cortarão este eixo n'um ponto (foco principal virtual), o qual divide ao meio, como nos espelhos concavos, o raio de curvatura. Se os raios não forem paralelos ao eixo, formar-se-ha um foco conjugado virtual, entre o foco principal e o espelho. As imagens n'estes espelhos, são sempre direitas, menores que o objecto e virtuaes.

Refração da luz. O desvio que os raios luminosos soffrem, passando d'um meio para outro (do ar, para a agua, por exemplo) chama-se *refracção*. A nova direcção do raio chama-se *raio refracto*, o qual faz com o raio incidente, um angulo, cujo vertice está na superfície de separação, e cuja abertura é variavel consoante os meios onde se realisa o phenomeno. Assim, os raios refractos approximam-se da normal, passando de um meio menos denso para outro mais denso, e afastam-se, no caso contrario.

O phenomeno da refracção origina factos muito curiosos.

Um objecto visto dentro de agua, parece mais alto, porque os raios de luz, refrangendo-se, passando da agua para o ar, afastam-se da normal, e o observador verá o objecto, não no local onde este se achar situado, mas sim n'um plano mais alto.

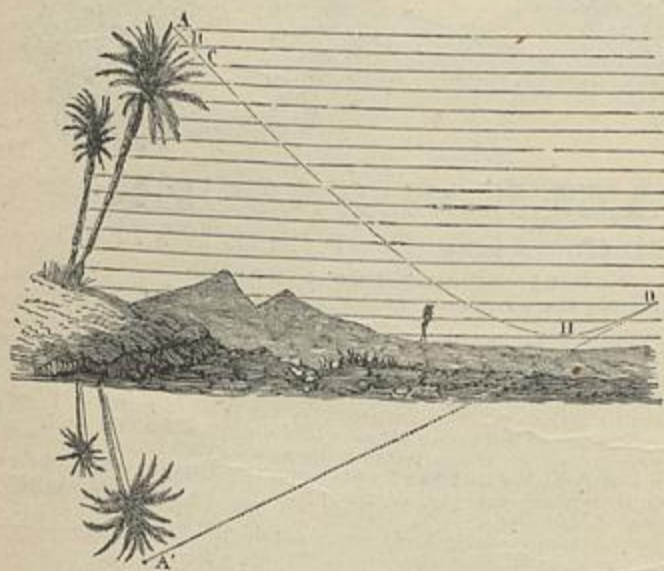


FIG. 52 EXPLICAÇÃO DA MIRAGEM

Por um facto identico, um vaso com agua, parece menos fundo do que se esse mesmo vaso estiver vazio, e um pau, mergulhado n'agua, parecerá quebrado, na linha de separação dos dois meios, parecendo mais elevada a parte mergulhada.

A atmosfera compondose de camadas concentricas successivamente menos densas desde a superfície do solo até ao seu limite, a sua refrangibilidade tende a diminuir. A luz que vem dos astros soffre, a cada momento, desvios, consequencia da diversa densidade das camadas atmos-

phericas, de modo que os astros parecem-nos mais altos do que a altura a que, realmente, estes se encontram, acima do horizonte. Em virtude da refracção, á maneira que os meios se tornam mais densos, os raios refractos approximam-se da normal, e, por isso o ultimo raio, em cuja direcção vemos os astros, faz com que ainda os vejamos, embora estes estejam abaixo do horizonte. A este facto se attribuem os *crepusculos*.

O phenomeno da reflexão total, explica a *miragem*.

E' uma illusão de optica que nos faz vêr a imagem invertida dos objectos, como que reflectidos n'uma grande superfície liquida, o que succede nos desertos ardentes e arenosos da Africa.

Devido á densidade do ar que vai decrescendo desde o solo até ao limite da atmosfera, os raios luminosos afastam-se successivamente da normal até attingir o *angulo limite*. Então, produz-se a reflexão total, e o observador, em O, verá a imagem do objecto em A, isto é no prolongamento dos ultimos elementos dos raios.

Um phenomeno de refracção da luz, observa-se nas *lentes* e nos *prismas*.

Uma *lente* é um meio transparente terminando por superficies curvas, ou superficies curvas e planas. Estas podem ser *divergentes* (se tem maior grossura na parte media do que nos bordos) ou *convergentes* (no caso contrario).

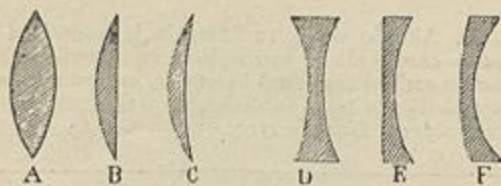


FIG. 53 LENTES

As primeiras fazem divergir os raios que as atravessam; as segundas, fazem-n'os convergir.

As lentes *divergentes* podem ser *bi-concavas* (D), *plano-concavas* (E) ou *convexo-concavas* (F). As lentes *convergentes* podem ser: *bi-convexas*, (A) *plano-convexas* (B) ou *concavo-convexas* (C).

Os centros das esferas a que pertencem os segmentos da lente, são os *centros de curvatura*, e os raios d'esses segmentos *raios de curvatura*. A lente que passa por esses pontos e os centros de curvatura é o *eixo principal*. O centro da lente é o *centro optico*, que gosa da propriedade de qual'quer raio luminoso que, por elle passa, saia parallelamente á direcção que tinha, antes de entrar na lente. Assim como nos espelhos *concavos*, observamos nas lentes *convergentes*!

I) Um *foco principal*. E' o ponto do eixo principal onde convergem todos os raios luminosos, depois de atravessarem a lente, quando esses raios incidem parallelamente ao *eixo principal*.

II) Dois *focos conjugados*. São os pontos onde convergem os raios luminosos incidindo não parallelamente ao eixo principal, depois de atravessarem a lente.

III) Um *foco virtual*, quando a origem da luz estiver entre o foco principal e a lente (foco imaginario).

Os efeitos d'estas lentes, enquanto ás imagens, são geraes ás dos espelhos concavos.

I) O objecto estando situado a uma distancia da lente, dupla da distancia focal principal, produzirá uma imagem real, invertida, e da grandeza do objecto.

II) Se essa distancia for menor que o duplo da distancia focal principal, a imagem será real, vertida, e maior que o objecto.

III) Se essa distancia for maior do que a que citámos, a imagem será real, invertida, mas menor que o objecto.

IV) A imagem será virtual, direita e maior que o objecto, se este estiver collocado entre a lente e o foco principal.

(Continua)

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro de 1905

Altura barometrica — Maxima 773,^{mm} em 9.
" Minima 751,^{mm}3 em 26.
Thermometro — Maxima 16°, 6 em 30 e 31.
" Minima 3°, 5 em 16.

Minimas fracas desde 3 a 18, e de 21 a 25 Em 16, a maxima não excedeu 9°, 7, unica maxima inferior a 10°.

Vento predominante. — NE.

Chuva. — 109,^{mm}5 em 10 dias, desde 16 de dezembro. Em 16, cahiram 10,^{mm}5, em 17 11,^{mm}3 em 18 13,^{mm}9, em 26 33,^{mm}0 e em 27 25,^{mm}2.

Em relação ao numero de dias de chuva, foi o mez de maior abundancia de agua.

Nebulosidade. — Bom tempo 13 dias. — Nublado 16 dias. — Encoberto 2 dias. — Média 5,0.

Nevoeiro. — 3 dias.

RESUMO DO ANNO

Numero de dias de bom tempo, 156.

" " " nublados, 179.

" " " encobertos, 50.

" " " de chuva, 112.

Altura pluviometrica total. — 587,^{mm}4

Numero de dias de chuva inferior a 1,^{mm}. — 32.

" " " " superior a 10,^{mm}

Vento dominante. — NNE.

Dias de nevoeiro. — 16.

Dias de relampagos. — 4.

Dias de trovões. — 2.

Dias de trovoadas. — 3.

Dias de granizo. — 3.

Pressão maxima. — 780,^{mm}3 em janeiro.

" minima. — 741,^{mm}8 em novembro.

Temperatura maxima. — 32°, 9 em setembro.

" minima. — 1,2 em janeiro.

Memoria sobre a Ilha Terceira

POR

Alfredo da Silva Sampaio

De ha muito temos em nosso poder o interessante livro cujo titulo encima estas linhas, mas circumstancias alheias á nossa vontade só agora nos permitem dar noticia de tão importante obra e dizer de seu auctor, que por muitos titulos se recommenda á consideração publica.

A *Memoria sobre a Ilha Terceira* é um grosso volume in 4.º de 876 paginas, impresso na Imprensa Municipal de Angra do Heroismo.

Vasta é a materia d'esta obra, pois abrange cinco partes: *Geologia* — *Flora* — *Fauna* — *Topographia* e *Historia Politica* da Ilha Terceira.

Não sabemos que até ao presente se tenha publicado estudo mais completo sobre a Ilha Terceira, berço da liberdade, onde se preparou esse exercito de bravos do Mindello, que vieram collocar no throno da patria portugueza, a primeira rainha constitucional, a filha de D. Pedro IV, Senhora D. Maria II.

E' d'essa gloriosa terra portugueza a que bem coube o titulo de heroica, — Angra do Heroismo — que se occupa pormenorizadamente o livro do sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio, angrense illustre por sua intelligencia e saber, onde pulsa um coração bondoso e amante de sua patria.

Pelo que o auctor escreve no prefacio do livro, o plano da obra foi traçado por seu pae o dr. José Augusto Nogueira Sampaio, a quem a morte surpreendeu a meio do seu trabalho, deixando apenas feito e principiado a imprimir a *Flora* e a *Geognosia* da Ilha Terceira, sendo, portanto, o restante, do sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio.

Para se fazer ideia aproximada da importancia d'esta obra, basta innumerar alguns de seus capitulos taes como os que tratam da: posição geographica, descoberta, geologia, vulcanismo da Ilha Terceira. Na segunda parte encontramos vasta descripção da *Flora*, abrangendo umas 67 paginas do livro, occupando a terceira parte, *Fauna*, 53 paginas. A *Topographia*, de que trata a parte quarta desenvolve-se por 237 paginas. A parte quinta que trata da *Historia politica* vae até paginas 826, ou quasi metade do livro.

Se a parte scientifica da *Memoria sobre a Ilha Terceira*, revela a riqueza do solo e dos seus productos naturaes, a parte historica refere desde: quem foi o primeiro descobridor da Ilha Terceira? até á actualidade.

Sendo ponto ob curo quem foi o primeiro descobridor da Ilha Terceira, é, comtudo, certo que ella foi doada pelo Infante D. Henrique em 2 de março de 1450 a Jacome de Bruges, belga que viera para Portugal pôr-se ao serviço do Infante, e que foi o seu primeiro pavoador.

Outros foram depois seus senhores, como minuciosamente refere o auctor, assim como as

phases porque passou, juntando documentos valiosos para a historia que muito importa vulgarisar, especialmente os que se referem á epoca das luctas liberaes, em que a Ilha Terceira teve parte importante.

Este trabalho seria só por si bastante para impôr o nome do sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio á consideração dos seus conterraneos, se elle não fosse já venerado pelos angrenses, que de ha muito reconhecem o seu valor e merecimentos.

Nascido em Angra do Heroismo, a 19 de setembro de 1862, o sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio, tem sido um benemerito, sempre prompto a prestar os recursos da sua sciencia a seus concidadãos, no verdadeiro sacerdocio da sua profissão.

Na Universidade de Coimbra, onde foi estudante premiado, se formou em medicina, voltando a Angra do Heroismo em 1888 a exercer a clinica, distinguindo-se como medico e como habil operador.

Em 1896 foi nomeado guarda-mór de saude, nomeação acolhida com applauso pelos angrenses, para quem o sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio tem sido um protector desvelado dos pobres, dispensando-lhes caridosamente não só os recursos da sua sciencia como os da sua bolsa, quando a indigencia d'estes assim o indica a seu bondoso coração.

Por mais de uma vez tem o sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio regido interinamente as cadeiras de physica e de mathematica no lyceu d'Angra, com bom aproveitamento de seus discipulos que muito o estimam.

E' por tudo isto que dissémos ser o nome do



DR. ALFREDO DA SILVA SAMPAIO

sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio já vantajosamente conhecido e estimado como medico, e agora o será ainda como escriptor, escrevendo a historia da sua terra sob o modesto titulo de *Memoria sobre a Ilha Terceira*.

Fabrica da Pampulha

Este titulo encima um esplendido **Calendario** que o sr. Eduardo Costa, proprietario da Fabrica de Bolachas da Pampulha, offerece aos numerosos clientes da sua fabrica, a primeira d'esta especialidade no paiz, a que expõe ao consumo publico as mais finas especies de bolachas e biscoitos, que honra sobre modo a industria nacional.

Mas se o sr. Eduardo Costa se pôde orgulhar de apresentar as melhores bolachas que rivalisam vantajosamente com as estrangeiras, não menos digno de notar-se, é o bom gosto e cuidado, nos calendarios que todos os annos distribue, em que prima sempre pela idéa que os inspira e pela escolha dos artistas a quem confia a sua execução.

O calendario d'este anno representa um quadro historico: *O Marquez de Pombal promovendo a reedificação de Lisboa*.

Este quadro vem juntar-se aos que tem constituído o assumpto dos calendarios em outros annos, como o da *Partida de Vasco da Gama para a India*, *D. Filippa de Villena armando os filhos para a guerra* etc., todos de bom exemplo historico em que vibra o patriotismo.

A execução artistica d'estes calendarios sempre aprimorada, não desmorece este anno e antes é superior, pela belleza do desenho e do colorido, uma primorosa chromo executada nas officinas lithographicas da «Editora».

Agradecemos ao sr. Eduardo Costa o exemplar com que nos brindou, um verdadeiro mimo artistico.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz do Camões) — LISBOA

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO
— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA
R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

PORTO
Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 **Grand Prix**—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Línguas Vivas

Ensino pratico
POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII
Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha
Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.
ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e MULHERES
Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

SÓ NÃO TEM CABELLO NEM BARBA QUEM QUER!!



FAZEMOS NASCER

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo
Remette-se com toda a discreção

MUITA gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso **BALSAMO MOOTCY** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nos pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde! Homens notaveis e não notaveis, todos nos teem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Pode-se por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de **25515 réis** por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 45420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador.

300\$000 réis (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **MOOTCY**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT, Eichholz, 9, em Hamburgo, 131.

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.
Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

A' venda em **Lisboa** na casa de
FERREIRA & FERREIRA
Rua da Prata, 101